A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 15 | Domingo 9 de abril | 1893

João Franco Castello Branco

Entrámos na camara no mesmo anno, em 1884. N'uma das primeiras sessões, João Franco fez a sua estreia parlamentar, e a sua palavra calorosa, não raro eloquente, sempre espontanea e communicativa, impôz-se logo á attenção da assembléa, marcando-lhe um logar de primeira grandeza entre os oradores que vale a pena ouvir. João Franco não viera, como tantos outros, dos bancos das escolas para a cadeira de deputado: entre a sua pittoresca e azougada vida de estudante, que deixou lenda nas tradições coimbrãs, e o inicio da sua carreira parlamentar, mediaram seis ou sete annos, invertidos no exercicio das funcções de agente do ministerio publico, e passados em Baião, em Alcobaça, não sei onde mais, entre os autos e os livros, aprendendo nos processos a conhecer os negocios e os homens, exercitando no fôro as suas nativas faculdades oratorias, desenvolvendo na leitura os superficiaes conhecimentos, a bagagem summaria, com que, aos vinte annos, sahe da Universidade um estudante mais intelligente do que applicado.

Assim, a sua primeira oração no parlamento revelou logo n'elle um homem feito, um luctador adestrado nas pugnas da palavra, habituado a terçar as armas incruentas do argumento e da invectiva, mais affeito ao attaque do que á defeza, como era proprio de quem, por dever profissional, fôra sempre accusador, mais attento á força logica das razões e á evidencia inilludivel dos factos, do que aos primores artisticos da fórma e ás subtilezas requintadas da escholastica academica. Estas qualidades, denunciadas desde logo, não fizeram senão accentuar-se nos subsequentes discursos de João Franco, e constituem ainda hoje os elementos fundamentaes da sua forte individualidade parlamentar.

Mas o que dá um brilho dominador á sua palavra, o que lhe tem valido raptos de verdadeira eloquencia, d'aquella que consegue assenhorear-se completamente do auditorio e fazel-o vibrar unisono com o orador, é a espontaneidade calorosa da sua improvisação, a sinceridade apaixonada com que passam para o seu verbo frementes as impressões que no momento o dominam. Não se detém com precauções oratorias, nem se enleia em estudados artificios; attaca o assumpto de frente, arrosta de cara com a situação, trava com o adversario uma lucta corpo a corpo; o semblante, moreno e expressivo, transfigura-se, empallidece, torna-se ás vezes quasi livido; nos olhos, negros e vivos, faiscam scentelhas de indignação; o corpo, magro e nervoso, treme todo, como varas verdes, açoitado pelo vento da inspiração tribunicia; as palavras brotam-lhe dos labios, candentes como torrente de lava, que escalda o auditorio mais frio e indifferente; o gesto, sacudido e energico, sublinha e accentúa a força da argumentação, a vehemencia da invectiva. N'esses instantes, é que se vê que João Franco é um orador de raça, d'aquelles a quem a eloquencia natural ensinou o segredo de prescindir dos arrebiques rhetoricos, d'aquelles que possuem o raro condão de arrastar, de subjugar, de mandar, de vencer.

Por isso, João Franco é dos oradores que só podem ser devidamente apreciados pelos que o tenham ouvido; quer dizer, é dos oradores a valer, e não d'aquelles que apenas sabem declamar com arte o que em casa com-

põem e repintam. É facil talvez descobrir incorrecções litterarias, desleixos de fórma, nos seus discursos; mas a espontaneidade da expressão, a audacia do attaque, o vigor do argumento, fazem bem depressa esquecer aquelles ligeiros senões, que são os pequenos defeitos inherentes ás suas grandes qualidades. Até uns resaibos de pronuncia beirôa, que, ás vezes, quando se principia a ouvil-o, ferem um pouco, contribúem para accentuar d'um modo feliz os seus melhores movimentos oratorios, fazendo sibillar as palavras, que estalam como látegos sobre o auditorio avassallado.

*
* *

Demorámos-nos a considerar João Franco como orador, porque, além de ser esse um dos aspectos proeminentes do seu talento, está n'elle incontestavelmente a explicação da rara fortuna da sua carreira politica. Os seus superiores dotes de luctador parlamentar é que, não só lhe conquistaram rapidamente a posição a que bem novo subiu, mas n'ella o fortaleceram e radicaram até á situação predominante que n'este momento occupa. João Franco chegou ao governo pelos seus discursos na camara; e consolidou a sua influencia no poder principalmente pela sua attitude parlamentar como ministro. Do gabinete Serpa, de 1890, fez parte João Franco, gerindo a pasta da fazenda; a sua administração foi honesta, activa, bem intencionada, mas teve de pagar o tributo da sua inexperiencia e de soffrer o peso da fatalidade das circunstancias, já então bem apertadas. Tudo salvou, porém, tudo remiu, com a brilhante defeza que dos seus actos e dos seus projectos fez em ambas as casas do parlamento, defrontando-se galhardamente com os mais destros e os mais abalisados adversarios. Por isso, quando cahiu, cahiu de pé, cahiu mais forte e mais prestigioso do que subira.

E depois as qualidades fundamentaes de João Franco como homem de governo são ainda as que fazem o segredo da sua eloquencia como orador: a decisão, a energia, o golpe de vista rapido, a intelligencia clara dos problemas politicos e administrativos. Não se prende com hesitações timoratas, nem affrouxa perante as difficuldades que surgem deante da execução do seu pensamento. Estuda facilmente as questões, tem o senso pratico dos negocios, expõe-nos com lucidez, e resolve-os com firmeza. Corta a direito, inquebrantavel e resoluto, obedecendo sempre a um criterio consciencioso e honesto. Na segunda vez que foi ministro, já em pleno regimen das vaccas magras, accentuou n'este sentido a sua individualidade. Não faltou quem o acoimasse de exagerado, quasi de *possidonio*, para usarmos uma expressão pittoresca da velha politica portugueza; não escassearam queixumes, e até clamores dos interessados. Mas o paiz gostou e applaudiu; e João Franco tornou a largar o poder ainda com mais força do que da primeira vez.

Tem muitos amigos, e amigos dedicados, porque n'aquelle luctador de todas as horas ha um fundo de bondade nativa, de cordeal affectuosidade e de bonhomia quasi infantil, que captiva e prende os que convivem de perto com elle. Depois, a sua energia, a sua decisão, o seu tom auctoritario, ao tratar os casos da politica, o exito excepcional da sua carreira, dão animação, inspiram confiança. Os homens, em geral, vão atraz do successo, e gostam de ter quem os mande; são um pouco como as rãs da fabula. E João Franco sabe mandar e sabe querer bem; sabe fazer-se obedecer e sabe captivar a gratidão dos que o servem. No meio da sua apparente franqueza, ás vezes um pouco brusca, ha não raro uma certa manha politica, que é tanto mais efficaz quanto menos suspeitada. Elle não gosta de que lhe chamem manhoso; mas isso confirma apenas a nossa observação.

Não quer mal a ninguem; na sua alma lavada não ha odios, ha apenas arrebatamentos. Por isso tambem não cremos que tenha grandes inimigos. Os adversarios chamam-lhe ambicioso; é até a maior injuria que lhe vibram, no mais acceso da lucta. Ao menos tem o merito de não ser uma calumnia, como tantas outras que se forjam nos tristes combates da politica. João Franco é, com effeito, um ambicioso; um ambicioso honrado, tenaz, persistente. Tem a ambição de fazer o que lhe parece util para o seu paiz e honroso para o seu nome; e possue um caracter bastante energico, uma fibra moral bastante resistente, para não esmorecer nunca na lucta, e disputar, palmo a palmo, infatigavelmente, o terreno que lhe contestam os contrarios. Fóra da familia, que estremece, só tem uma paixão: a politica. Se nunca tivesse largado a vida judicial, seria talvez hoje um juiz caturra, aferrado aos autos; lançado na politica, entregou-se-lhe por completo. O seu temperamento não lhe consente meios termos, como a sua actividade lhe não permitte um momento de descanço. Tem feitio para o mando e animo para a lucta. Venceu depressa, não será vencido facilmente.

No entretanto, nos raros momentos em que o seu espirito se despreoccupa do combate quotidiano, que o absorve, diz sempre: — Nunca permittirei que o meu Frederico seja politico! — O *seu Frederico* é o seu unico filho, o seu encanto, o seu enlevo, o seu maior amor. Taes são as impressões que a politica deixa no animo d'este luctador apparentemente feliz, que João Franco não quer para o seu unico filho as fortunas que tantos lhe invejam a elle!

CARLOS LOBO D'AVILA.

No proximo numero, o medalhão do sr. José Luciano de Castro. Artigo de Ressano Garcia.

POLITICA SEM POLITICA

Estamos em plena charada politica!

Porque em verdade é uma perfeita charada a campanha que começa a mover-se contra o sr. ministro da fazenda.

Não temos que o atacar, nem que o defender, pois não é este o intuito d'esta secção e d'este jornal, mas é da sua indole apreciarmos todo o pittoresco que ha no ataque dirigido contra o sr. Fuschini.

Certamente S. Ex.ª ainda não salvou o paiz, mas tambem se tem de o salvar como outros seus predecessores, antes o não salve, que mais a salvo ficaremos todos.

No entretanto, se o illustre ministro nada tem feito de caracter fundamental, depois de um mez apenas de ministerio não é tarde ainda para a sua obra apparecer, e, em quanto não apparece, é inegavel que tem dado inequivoco testemunho de zelo administrativo e inegavel inteireza d'animo. A arremettida contra os contribuintes relapsos póde ser taxada de violenta pelos que estão em causa, mas perante a opinião é inegavel que foi recebida como um acto energico e da mais elevada moralidade.

Não póde portanto este caso ser materia para campanha!

O que os amigos do ministro professam, é que a celeuma, aliás não partilhada na opinião geral, resulta da suppressão, imaginem de quê?... das *despezas de publicidade!*

Mas isto para nós tambem não é crivel, pois, segundo em tempo lemos em alguns jornaes, essas despezas referiam-se á publicidade no estrangeiro, ou para melhor dizer em Paris.

Que, pois, os de Paris berrassem, bem estava; mas que o berreiro rebente agora especial e furiosamente em Lisboa, é que é mais difficil de comprehender.

Não queremos dizer que não seja explicavel, mas a explicação por não poder ser legitima e logicamente deduzida, é que se nos affigura corresponder a um problema que tem o seu quê de charada.

Em todo o caso, essa charada não a poremos nós a premio, pois é possivel que ás vezes succedesse advinharem-n'a todos ao mesmo tempo.

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

Decididamente terminaram este anno os *five-o'clock-tea*, os *raouts*, os banquetes e as *soirées* dansantes, em que a sociedade elegante se reuniu, durante os mezes do inverno. Uma ou outra festa nas salas que ainda se realise é para o mundo elegante o que a chrysantème é para a estação do estio: a flôr da despedida.

Fecharam-se os salões, e terminou no theatro de S. Carlos a epocha lyrica.

Dentro de um mez a sociedade começará a dispersar-se pelo campo, procurando na sombra amena das arvores o repouso necessario para tranquillisar os nervos e no ar puro das montanhas a frescura para suavisar a cutis um pouco emmurchecida pelo calor dos lustres.

Guardam-se até ao proximo inverno as bellas *fourrures* que serviram para agasalhar os collos delicados e mimosos á sahida dos bailes, põem-se de parte os vestidos decotados, fecham-se nos escrinios as joias mais preciosas, e apparecem as *toilettes* claras de estio, os ligeiros chapeos de palha guarnecidos de flores silvestres. As *rivières* de diamantes que scintillavam nos decotes são substituidas agora por uma simples rosa. É o mais bello enfeite, quando se é moça, e sobretudo quando se tem mais de vinte annos.

Il me faut une rose! — dizia Madame de Parabère — *Si je n'avais que vingt ans, à la bonne heure!*

Dentro de um mez a cidade mudará completamente de aspecto. A Avenida, onde agora, ás 5 horas da tarde, rodam lentamente os *coupés* de portinhollas brazonadas, os *phaetons* elegantes, os *dog karts* e as *charrettes*, estará quasi deserta. No Chiado, innundado de sol, serão raros, durante o dia, os transeuntes.

Abrem-se os circos para as recitas das companhias de zarzuella, e apparecerão os camarotes occupados por umas formosas creaturas, que falam na sala o mesmo idioma que se declama no palco. E não é só nos circos, mas tambem nas ruas de maior transito e nos estabelecimentos de modas de maior luxo, que a lingua de Cervantes resôa nas suas expressões mais pittorescas, como um vivo rebate de castanhollas ou um rufo estridente de uma pandeireta de Byscaia.

E tanto assim que, o verão passado, uma simples familia burgueza da provincia, ao subir lentamente, n'uma noite de calor asphixiante, o passeio do Chiado, teve que se desviar um pouco para dar passagem a um grupo de quatro raparigas alegres, vestidas com requintes de elegancia, com os peitos guarnecidos de cravos, que descia, rindo e fallando alto, com destino ao Colyseu. O chefe da familia, um velhote pançudo e grave, estacou maravilhado; e, logo que o grupo passou, voltou-se para a esposa e para a filha, e observou-lhes ingenuamente:

— Mas que mania que teem as senhoras d'aqui de falarem hespanhol! É o terceiro rancho que encontro!

Pobre e honrado burguez! Cuidou elle, por vêr tão graciosa e luxuosamente vestidas aquellas quatro creaturas, que eram senhoras da sociedade. Não se lembrava de que não é o habito que faz o monge!

Ahi está um homem puro, que bem poderia dizer:

— O meu reino não é o d'este *demi*-mundo!

GRAZIEL.

PROBLEMA DE SENTIMENTO

— Preciso fazer-te uma confidencia.

— Já.

Pela quarta vez ella me fazia aquella declaração e eu lhe dava a mesma resposta.

Mas não havia que appellar agora...

Das outras vezes tudo a incommodava: a visinhança d1

mãe, a falla dos irmãos mais novitos, os quadros, as paredes, os espelhos... e até a hora do dia... Queria que a confidencia fosse feita ao entardecer, quando eu não visse já que ella córava...

E que fosse feita *assim*, longe do bulicio e de tudo...

Estavamos sentadas muito perto uma da outra... O sol começava a esconder-se por detraz das nuvens côr de rosa...

O campo exhalava todos os sussurros dos seus insectos, escondidos, durante o dia...

As ceáras ondulavam na sua verdura sã, matizada de papoulas, e a quinta rescendia pelo aroma de tantas flores, abertas, entreabertas e desfolhadas...

O carramanchão formado por murtas e roseiras parecia impenetravel aos olhares profanos, a agua de tres lagos successivos murmurava, em vibrações crystallinas que faziam saudades... E o lento cahir das pétalas de rosa que nos enchiam o fato e o cabello despertava o appetite de deixar cahir dos labios as palavras... que se deviam guardar... mas que vôam, insensivelmente, para os corações amigos.

Os rouxinoes trinavam desesperadamente.

E ella encostou a cabeça no meu hombro.

— Vamos á confidencia, disse eu a rir.

— Se disser que... não posso... que me escaldam as palavras, que me não percebo, digo-te a verdade... Estou a sentir-me indigna de tudo, da tua amizade, até.

Fitei-a, muda de assombro, e ella continuou:

— Sabes que o amo. Não daria, por um imperio, nenhum dos seus sorrisos e no emtanto sinto-me culpada...

— ?

— Sim, porque o trahi!

— !

— Sei que me não comprehendes, tu, que és escrava submissa do coração, que te prendes a uma flôr, que te namoras de uma estrella, que vês em tudo o que é nobre e grande a imagem do teu sonho vivido... mas confio em ti e preciso de que alguem — como tu — me condemne ou me absolva.

E Amelia, tremia, como uma folha sacudida pelo vento. Os seus olhos castanhos, striados a ouro, pareciam, agora, mais claros e maiores. Eu não me atrevia a perguntar-lhe nada. Aquella palavra — trahi-o — deixára-me o coração tão apertado!...

Mas, como ella continuasse callada, affaguei-a como a uma creancinha e disse-lhe:

— Pelo amor de Deus acaba.

Ella fechou os olhos e proseguiu:

— O Alberto, sabes, o ex-noivo da Luiza, tem sido sempre muito meu amigo — como irmão — Faziamos, mutuamente, as nossas confidencias. Elle aconselhava-me e ouvia os meus conselhos... Ha duas semanas, porém, estava sentado ao pé de mim. Eu bordava, já nem sei o quê e elle desfazia — sem vêr, talvez tambem, os novelos de seda e de lã que estavam sobre a meza. De repente e quando eu ia tirar da pregadeira nova agulha enfiada em seda verde, elle pega-me na mão, segura-m'a e cobre-m'a de beijos... Levanto os olhos cheia de surpreza e encontro o olhar de elle que queimava.

— Que disparate, Alberto!

— Que disparate, Amelia; mas que queres tu?

E desde então, procura-me sempre que póde, diz-me que sou adoravel, inveja o Carlos...

— E tu? perguntei.

— Eu! Como queres que t'o diga? Não o amo, mas... correspondo ao seu olhar, á pressão da sua mão, enfeito-me com as flôres que elle me traz e... choro de desespero.

— Realmente! murmurei.

E ella, em uma explosão de soluços:

— Vês tu? Eu bem te dizia que me não comprehendias... mas... já agora ouve tudo:

— Hontem, disse-me, alguem, que elle tinha um namoro e eu... fiquei furiosa. Furiosa a ponto, de lh'o dizer. Elle respondeu-me que não era verdade... *que não podia ser*...

E depois, mais tarde, conviémos de novo, em que era um disparate... inconcebivel isto... e o Carlos? E a Luiza?

Mas, no mesmo instante repetiu-me elle:

FOLHETIM

AQUELLA CASA TRISTE...

(1872)

II

A ama abriu a bocca e despediu um *ah* surdo, que vinha da garganta afogada pelo jubilo.

Amelia quedou-se immovel, pensativa, triste, e murmurou:

— Se meu pai sabia que eu estava aqui, porque me não levou para a sua companhia?

— Respondo, minha senhora. Quando v. exc.ª tinha dezoito annos, seu pai indagou e descobriu que a snr.ª D. Amelia estava aqui; porém, ao mesmo tempo, exactas ou inexactas informações lhe asseveraram que a senhora levava uma vida pessima, deshonrada e cheia de opprobrio. Receou, com algum fundamento, o snr. Alvaro de Mendanha que o aviltamento de sua filha desluzisse o lustre do seu nome, e por isso abafou o coração e o remorso debaixo do peso da dignidade, ou recuou diante da irrisão do mundo...

— Mas... — interrompeu Amelia — se eu estava perdida, foi porque elle me atirou ao mundo e á sorte sem amparo de ninguem...

— Tem razão, minha senhora, e foi essa mesma a razão que moveu seu pai a deixar-lhe todos os seus bens.

— Mas eu antes queria conhecel-o e ser pobre, que ser rica por morte d'elle.

— Já que não é remediavel essa nobre dôr — tornou o testamenteiro de Mendanha — receba v. exc.ª a suprema prova do arrependimento de seu pai. N'este legado dos bens está o legado do coração. Seja de hoje em diante v. exc.ª digna d'elle, ja que desde esta hora os seus appellidos são dos mais illlustres d'esta provincia.

N'este mesmo dia, D. Amelia de Mendanha sahiu para Barcellos, onde entrou a occultas para o palacete de seu pai, a fim de trajar luto e apparecer convenientemente aos numerosos parentes que confluiam a desanojal-a.

Os bens eram grandes em terras e fóros. Casa antiga e solida. Alfaias do tempo de D. João V a dourarem os salões de tecto apainelado, com reposteiros brazonados. Na parte mais velha do edificio cadeiras repregadas de bronze, contadores atauxiados de prata e enxadrezados a côres, guadalmesins nas paredes, amplas mesas de pés torneados, leitos rendilhados com as armas dos Mendanhas na espalda, bufetes, jarras da India com as iniciaes de um governador de Chaul, oriundo de Mendanhas, retratos de familia a começarem em D. Gil Gutierres de Mendanha, solarengo de Barcellos. Em meio d'isto, e senhora de tudo isto, aquella Amelia de Landim, ó meu amigo Eugenio de Castilho! aquella Amelia, que sarabandeava a *cana verde*, o *Leva agua o regadinho*, e descantava umas *torradas com manteiga* que não ha ahi mais que se diga.

— Onde estava ella?

Perguntavam entre si as primas e os primos.

E diziam exactamente onde ella estivera e de que infectos paues

— És linda! e eu respondi:

— És adoravel!

Agora, em toda a parte nos advinhamos, nos *sentimos*. Elle diz que me não ama, e eu conheço que o não amo a elle. Mas accordo e adormeço com o seu nome nos labios e o seu olhar no coração. E elle, anda nervoso, sem dar conta, sequer, dos *algarismos*... Um engenheiro distincto como é... E ainda hontem o director lhe disse:

— O meu amigo que tem? Está doente?

E elle, muito atrapalhado respondeu:

— Sim, talvez, trago febre e... não durmo.

Eu tremo de me perceber.

Elle não quer interrogar-se, mas é insustentavel isto.... O que sinto eu? Amo-o? Não o amo?

Eu ia responder-lhe:

— Sentes o não teres amado nunca!...

Mas Amelia fitou-me com os olhos innundados de lagrimas, e eu... callei-me...

Beja — 1 de abril de 1893.

MARGARIDA DE SEQUEIRA.

Anniversarios da semana

Domingo 9 — As sr.as: D. Carlota Izabel da Camara (Belmonte), D. Maria Ribeiro Pery, D. Maria de Jesus Anderson Vellez Leitão, D. Julia da Fonseca Talone, D. Maria Helena de Saint George Armostrong (Faria).

E os srs.: D. Alexandre de Sousa Botelho (Villa Real), Luiz de Sousa Folque, Carlos Ferreira dos Anjos, Carlos Duarte Luz.

Segunda-feira 10 — As sr.as: Condessa do Covo, Viscondessa de Andaluz (D. Anna), D. Maria Emilia de Mello e Castro (Galveias), D. Anna Amelia Cid d'Araujo Juzarte, D. Izabel d'Abreu Manique e Mello, D. Josepha Callado de Castro Lemos, D. Maria Rita de Paula da Rocha Vianna.

E os srs.: Alfredo Maria Bessone, Antonio Pereira Forjaz Sarmento de Lacerda, Augusto Cesar Justino Teixeira, José Eduardo de Moraes Carvalho.

Terça-feira 11 — As sr.as D. Maria da Gloria da Cunha Menezes (Lumiares), D. Eulalia C. B. Vanzeller, D. Adelaide de Menezes Brito do Rio, D. Christina Jayme Aldim, D. Laura Corrêa de Vasconcellos.

E os srs.: Conde de Mendia, Cesar Benevides Stadlim.

Quarta-feira 12 — As sr.as: Viscondessa d'Almeida, D. Anna de Mendóça (Loulé), D. Catharina Street (Carnide), D. Maria Izabel de Castro Monteiro (Castro), D. Maria Margarida Soares de Lencastre (Alentem), D. Rita d'Espregueira Mendes Norton Goes Pinto.

E os srs.: Visconde de Andaluz, Barão de Marajó, Barão da Retorta, D. Thomaz d'Almeida, Francisco Falcão Cotta Calheiros de Menezes (Azevedo), Candido José Mourão Garcez Palha (Bucellas), Alvaro Eugenio Felner Rollin, Eugenio Sedam Bandeira de Mello.

Quinta-feira 13 — As sr.as: Marqueza de Castello Melhor, D. Maria Izabel Pinto da França, D. Guilhermina Candida da Costa Freire, D. Amelia Proença Vieira, D. Clotilde Pereira Crespo, D. Margarida Candida de Mello Leite Guerreiro.

E os srs.: D. José Hermenegildo da Camara, Antonio Pereira da Motta (Espozende), Rodrigo Lobo, Rodolpho Luiz Tomasini, Eugenio Augusto da Costa Neves.

Sexta-feira 14 — As sr.as: D. Guilhermina Anjos, D. Maria Maximina de Brito Berredo e Mello, D. Elvira Gorjão, D. Carolina de Jesus Serzedello Lima, D. Bertha Maupertin Santos.

E os srs.: Barão de Alvaiazere, Diogo de Bettencourt Vasconcellos Corrêa d'Avila (Bettencourt), Alberto Pimentel, Antonio Sarmento da Fonseca, Domingos Pinto Coelho de Noronha Guedes.

Sabbado 15 — As sr.as: Condessa da Junqueira, Condessa do Bomfim, D. Marianna da Conceição Paes, D. Leopoldina Villar Machado, D. Virginia das Dôres Cid d'Araujo Zuzarte, D. Amelia Augusto Chichorro da Costa, D. Maria Ignez Lupi Nogueira.

E os srs.: Dr. João Xavier da Fonseca, José Joaquim Lagrange e Silva, Francisco de Paula Marques, Manuel Aranha de Sousa e Menezes.

---

se levantára com azas de ouro aquella borboleta sahida de tão feio casulo! Relatavam-se os pormenores da sua desgraçada vida, encareciam-se, como se fosse preciso, as deshonestidades... e visitavam-na.

Volvidos alguns mezes, tres padres, á compíta, lhe sahiram a propôr tres casamentos: rapazes, parentes, abastados ou arruinados, mas fidalgos e gentilissimos de suas pessoas.

Rejeitou-os.

Um dia, sahiu D. Amelia de Barcellos, na sua sege, apeou em Famalicão, sahiu a pé, e parou perto de Landim, á porta de um lavrador. Procurou por um homem que dava pelo nome de Antonio do Couto-de-baixo.

Sahiu a fallar-lhe no quinteiro, ou alpendre, um sujeito de trinta annos, boa figura de camponio, estupidez em barda por todo aquelle carão.

— Antonio — disse ella — conheces-me?

— A senhora, a senhora... acho que é... — tartamudeou o lavrador agadanhando no occipital.

— Sou a Amelia de Landim. Quando eu tinha 15 annos, amei-te. Era então innocente. Esperava ser tua mulher, e perdi-me. Teu pai não te quiz deixar casar commigo, porque eu era pobre. Sei que soffreste, e quizeste fugir para o Brazil, a fim de ganhares dinheiro, para depois me receberes. Eu não te deixei ir. Sabes qual foi a minha vida depois. Hoje estou rica, ainda te amo, porque foste a origem da minha desventura. Queres casar commigo? Responde.

— Quero.

— Então segue-me.

— Deixa-me ir dizer a minha mãi; que essa queria que eu casasse comtigo.

— Pódes dizel-o a teu pai, que esse tambem quer agora.

E, d'ahi a momentos, o pai e a mãi sahiram ao alpendre a recebel-a, e levaram-na para o sobrado entre caricias.

Ahi pernoitou.

O velho nunca pôde desarticular os queixos da apostura do espasmo, desde que D. Amelia principiou a contar por milhares de alqueires de milho o rendimento de sua casa.

Ao outro dia, que era domingo, leram-se os primeiros banhos, e, com dispensa dos immediatos, casaram-se na igreja de Santa Maria de Abbade.

Mas a que proposito cahiu este conto, que não tem que vêr com AQUELLA CASA TRISTE!..

Ah! fui por amor da requinta da musica de Ruivães, que está agora silvando na Barca da Trofa, á espera de Antonio Duque, o *Africano*.

I

As quatro musicas reunidas na Ponte da Trofa, depois de espavorirem os passarinhos, que, ao descer da tarde, se emboscavam nas ramarias do rio Ave, retrocederam, porque o Duque não chegou. Os promotores da festa, mandando sobraçar os feixes de foguetes de tres estouros, disseram entre si que o *Africano*, faltando á hora da espera triumphal, bem demonstrava ser filho do capador da Lamela. Outro era de parecer que o Duque, tratando de resto as pessoas que o obsequiavam, dava a perceber que não queria amigos... do seu dinheiro.

MODAS

D'Inglaterra e da America chega-nos constantemente o echo de ligas de toda a especie: Ligas de temperança, ligas contra o uso do fumo, ligas contra esta ou aquella moda, e agora chega-nos de Londres a noticia da liga contra o uso dos espartilhos apertados.

Poucos assumptos teem despertado tanta discussão entre o bello sexo como este dos espartilhos; discussão esta provocada por uma serie d'artigos publicados n'uma revista ingleza.

«As mulheres, diz Lady Violet Greville na *National Review*, dividiram-se em duas classes: as que pairam nas alturas e desprezam a opinião publica e as leis do convencionalismo, e as que se rojam como escravas sob o seu jugo de ferro. Algumas noções correntes infiltradas pelo uso e pela hereditariedade nos espiritos d'estas ultimas, arreigaram-se profundamente e parece não haver nada que as possa arrancar. Entre essas noções antiquadas, a mais popular é que o homem deve ser subjugado pelos attractivos pessoaes, e que o desejado resultado é obtido pelo maior ou menor numero de centimetros d'uma cintura. O diametro da cintura representa a medida do successo.

Com o progresso de civilisação a gente inexperiente lisongeava-se que alguns d'esses absurdos desappareceriam, mas gente mais sisuda notava certas reincidencias e tinha receios. Entre esses absurdos, os mais notorios e os mais estupidos eram a crinoline e os espartilhos apertados. Morta a crinoline, a arte de vestir tornou-se racional, razoavel e decente; mas o demonio da inconstancia dormitou no peito das mulheres, e assoprou-lhes impellido pelas modistas e pelas costureiras: «Apertem-se. Não se contentem com a figura que a Natureza lhes deu, estraguem-n'a, desfigurem-n'a, ponham de parte a harmonia e a proporção, tornem-se umas caricaturas, estraguem a saude, e serão umas formosuras aos olhos das suas estupidas collegas.»

A belleza está na proporção, disse o esculptor, a belleza está na graça, disse o pintor; mas as mulheres não o entendiam assim. A belleza, mede-se pensam ellas, e o seu oraculo é o atacador do espartilho.

Quaes as consequencias? A anemia, a hysteria, que assim como a dyspepsia e a nevralgia assaltam todas as classes provindo da falta de sangue sadio circulando livremente. Como póde o sangue circular bem n'um corpo apertado? Como se pódem n'elle effectuar os processos de nutrição e de digestão? Muito imperfeitamente, e as suas consequencias não affectam só as mulheres, mas tambem os filhos.

E quereis ouvir?

Mesmo a belleza que é o fim que se quer attingir, não se attinge. Com o excesso do aperto, terão pelles macilentas, faces arroxadas e narizes vermelhos.

Gil-Berta.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

A ORDEM DOMESTICA

A ordem e o aceio de uma casa dependem mais da intelligente vigilancia da sua dona de que do serviço dos criados, por mais diligentes e cuidadosos que elles sejam.

Cumpre, pois, á boa dona de casa levantar-se cedo, e apparecer deante dos seus servos com uma *toilette* cuidada, e não como muitas senhoras, aliás ricas, que só tratam de se vestir com elegancia e correcção quando recebem visitas. A negligencia da dona da casa é mau exemplo dado ás pessoas que a servem.

Antes de sahir do quarto, deve desfazer ou mandar desfazer a cama, abrir as janellas, para que o ar purifique a atmosphera e mandar retirar a lamparina e outros objectos que só teem utilidade durante a noite.

A casa de jantar é a primeira que se arranja, varre e espana a fim de que a familia possa ali tomar a primeira refeição, porque, salvo só o caso de doença, se não deve nunca comer nos quartos de dormir.

Nas outras salas deve a dona da casa inspeccionar se a limpeza é bem feita, e chamar sempre a attenção do criado para qualquer movel que não tenha sido cuidadosamente escovado.

A sala de visitas deve ser arranjada na manhã seguinte ao dia das recepções; e no dia em que a dona da casa recebe, devem, logo de manhã, limpar-se os moveis, arranjar-se as flôres nos vasos, as plantas nos canteiros, levantar-se as cobertas dos sofás e poltronas estofadas e prover-se de novas vellas os lustres e candelabros.

Nunca a boa dona de casa deve deixar de ir á cozinha, para observar se ali se mantém o indispensavel aceio, e assistir até aos preparativos do almoço e do jantar. Toda a louça da cozinha, mas principalmente os utensilios de metal, a que os francezes chamam *batterie de cuisine*, exige o maior cuidado, a mais rigorosa limpeza, sobretudo quando é de cobre. A negligencia ou menos escrupulo na limpeza d'esses utensilios póde facilmente envenenar a comida e causar grandes damnos na saude das pessoas da casa.

O *Africano* havia escripto de Lisboa ao seu feitor, annunciando-lhe o dia em que tencionava chegar á sua casa de Ruivães, com recommendação de lhe ter preparados os leitos e assoldada uma boa criada para o quarto de sua filha.

Divulgou o feitor a nova, sem propalar a do naufragio, porque a não sabia. Se o homem lesse gazetas, informaria os seus visinhos do desastre de seu amo, da riqueza engolida pelas guelas da tormenta, da quasi pobreza em que ficára o naufrago, e, em fim, das piedosas lastimas com que os periodicos deploravam a catastrophe de duzentos contos grangeados honestamente. Se isto se soubesse em Ruivães, não haveria quem se afanasse em busca de musicas, competindo entre si os obsequiadores sobre qual arranjaria aquella que maiores gritos fazia dar á fama pelos buracos da requinta. Quanto ás vinte e quatro duzias de foguetes de tres estouros, que os rapazinhos de Ruivães tinham carregado até á Ponte da Trofa, é bem de vêr que ninguem se abalançaria a tamanho estrondo de generosidade, se se soubesse que o Duque não vinha em circumstancias de chorar de ternura abraçado ao peito magnanimo d'onde rabiavam tantos foguetes.

No dia marcado ao feitor, devia o *Africano* chegar á Ponte, onde era esperado; porém, apeando na estalagem da Carriça, legua e meia distante, ouviu dizer que na Trofa estava o poder do mundo, com quatro musicas, e muito fogo do ar, á espera de um brazileiro que vinha da Africa.

Ouvido isto, Duque disse ao boleeiro que recolhesse a parelha da sege, porque resolvera sahir de madrugada.

Depois, foi contar á filha o que ouvira, e o desgosto que queria evitar no encontro de festas, tão desapropositadas da tristeza de ambos.

Deolinda, prostrada no leito, approvou a resolução do pai, queixando-se de agonias, suffocações e desmaios do coração, que mal a deixavam seguir a jornada.

Passou o pai o restante do dia e parte da noite á beira da cama, inventando com santo esforço alegrias que divertissem Deolinda da concentração que uma ou outra lagrima desafogava por momentos. Alegrias!...

Que heroismos cabem em peito de pai! Quantos ha que são supplicados por esse amor que parece vir da mão de Deus! Que maiores angustias tem esta vida, se comparamos todas á d'aquelle pai que alli estava ao pé da filha que os medicos de Lisboa lhe haviam auscultado e considerado perdida!

Camillo Castello Branco.

(Continúa.)

E ainda aqui se não limita a observação directa da dona da casa, para n'ella manter o aceio e a ordem indispensaveis ao bem estar da familia.

Falaremos nos proximos numeros das suas principaes attribuições

UMA RECEITA

As formigas. — Principiam estes insectos a invadir as casas. Ha muitos meios de os afugentar ou destruir.

Uma boa solução de phenol e agua fal-os retirar. Um *sachet* de enxofre introduzido nas gavetas ou n'um armario faz ás formigas o mesmo effeito que a cruz faz ao diabo. Fogem logo.

Faça-se uma mistura de borax e assucar em pó, e introduza-se pelas frinchas da casa em que apparecem as formigas. Não volta uma.

Tambem é muito usada e com reconhecida efficacia a applicação de folhas d'absintho nos sitios em que esses insectos apparecem.

EPHEMERIDES SEMANAES

2 — Primeira tourada da epocha, na Praça do Campo Pequeno.

3 — Constitue-se a assembléa do collegio districtal para a eleição d'um par do reino por Lisboa, nomeando presidente o sr. Eduardo Ferreira Pinto Basto.

— S. M. a Rainha visita os armazens Grandella.

4 — O *Diario* publica um decreto auctorisando o governo a contractar com a Companhia da Zambezia a construcção e exploração d'uma rêde telegraphica na Zambezia, e d'um cabo submarino entre Quelimane e Moçambique.

— O mesmo *Diario* publíca outro decreto nomeando uma commissão para elaborar um projecto dos melhoramentos a executar em Ponta Delgada.

— Chega do Brazil, bastante doente, o sr. conselheiro José Julio Rodrigues.

— O sr. dr. Gama Pinto requer a sua demissão de director do Instituto Ophtalmologico.

5 — É eleito par do reino por Lisboa o sr. Henriques Mendia.

6 — Reune o conselho d'Estado, pronunciando-se a favor da nomeação do sr. Frederico Arouca para par do reino vitalicio.

— É nomeado governador civil de Bragança o sr. Chrystovam Ayres.

7 — O *Diario* publíca um decreto rescindindo o contracto entre o governo e a Companhia Alliança de Loterias.

8 — Parte para Saragoça a cantora Regina Pacini.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

Quando Regina Pacini assignou a sua escriptura para cantar, durante a epocha lyrica, no theatro de S. Carlos, exigiu que se lhe concedesse promover uma festa artistica, em beneficio de qualquer estabelecimento pio do paiz. Chegada a occasião de realisar a festa, offereceu-a a gentil cantora a S. M. a Rainha, que destinou o producto das entradas para as *Missões ultramarinas*

Foi esse beneficio que ha dias se realisou no theatro de S. Carlos, e ao qual concorreram as familias da nossa primeira sociedade.

O theatro foi artisticamente adornado sob a direcção de Bordallo Pinheiro, o que equivalle a dizer que estava lindissimo, principalmente o palco, em que figuravam, por entre massiços de verdura, a bandeira nacional e alguns barcos e escudos selvagens, e a tribuna real, guarnecida com plantas sobre um fundo de riquissimas colchas antigas de côres variegadas.

O espectaculo constou de diversos trechos de operas tocados pela orchestra, e por diversas arias cantadas por Pacini.

Foi a insigne *prima-dona* enthusiasticamente applaudida, principalmente quando, mais uma vez, cantou as formosas *carceleras* hespanholas. É que realmente não se canta com mais graça, nem com mais sentimento aquellas encantadoras trovas populares. Quando Regina diz:

Al pensar
In el dueño
De mis amores,
Sinto mareos
Encantadores!...

Maldito sea
El picaronaço
Que me marea!

vê-se logo que no seu coração pulsa sangue andaluz, e que só uma hespanhola poderá comprehender e sentir toda a melancholia e ao mesmo tempo toda a graça que transparece nos formosos versos.

Sua Magestade a Rainha, como presidente das *Missões ultramarinas*, brindou Regina Pacini com um esplendido frasco de crystal lapidado com tampa de ouro esmaltado.

A festa artistica da sr.ª Arkel que devia realisar-se hontem, não se effectuou por motivo de doença.

*

D. Maria

Realisou-se hontem a primeira representação da comedia em 4 actos — *Os Castros* — original do sr. Marcellino de Mesquita.

*

Rua dos Condes

A operetta *Cocó-Reineta e Facada*, original dos srs. Gervasio Lobato e D. João da Camara, com muzica do sr. Cyriaco de Cardoso, não teve a mesma lisongeira acceitação que ali tiveram as outras peças do mesmo genero e feitas pelos mesmos auctores.

A hilaridade é provocada por algumas scenas mais proprias de pantomima de circo do que d'uma operetta. Os actos arrastam-se, em geral, monotonamente, e a falta de graça litteraria é substituida por alguns trocadilhos, que podem satisfazer paladares grosseiros, mas que não revellam scintillação no espirito dos seus auctores.

De tudo isto o que lamentamos é que o delicado talento de D. João da Camara, que tão brilhantemente se tem affirmado em obras de subido valôr litterario, se comprometta na collaboração de peças d'esta ordem.

O publico, que enchia o theatro, por mais de uma vez mostrou o seu desagrado.

*

Nos outros theatros continuaram os espectaculos já conhecidos.

*

Praça de touros

É hoje a segunda corrida da epocha. Como a de domingo passado não satisfizesse completamente as exigencias dos *afficionados*, a empreza prometteu que a de hoje seria melhor. Entra n'ella o espada Francisco Gonzales (El Faico) e Rafael Ordonez (El Primito). São cavalleiros Casimiro Monteiro e Casimiro d'Almeida.

Os 12 touros, 8 puros e 4 corridos, pertencem á ganaderia do sr. Estevam Antonio de Oliveira Junior.

Typ. Christovão—R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1